

A prensa, os tipos romanos e os itálicos no mundo textual renascentista

The printing press, the roman types and the italic types in the Renaissance textual world

Júlio Monteiro Altieri

Aluno da Faculdade de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e bolsista de iniciação científica CNPq.

Renan Lúcio Rocha

Aluno da Faculdade de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e voluntário de iniciação científica.

Resumo

Neste artigo, ressaltamos a importância dos tipos romanos e itálicos como transformações do mundo textual renascentista e também procuramos demonstrar como sua associação com a prensa de Gutenberg contribuiu para difundir o pensamento moderno, que se baseava no humanismo, no racionalismo, na experimentação e na harmonia, entre outros elementos.

Palavras-chave: Renascimento; prensa tipográfica; tipos.

Abstract

In this article, we highlight the importance of roman and italic types as transformations of the Renaissance textual world and also seek to demonstrate how their association with the Gutenberg's printing press contributed to diffuse the modern thought which was based on humanism, rationalism, experimentation, harmony and other elements.

Keywords: Renaissance; printing press; typographic types.

1 - INTRODUÇÃO

Como um dos períodos mais estudados da história da humanidade, o Renascimento viu o florescer de uma nova civilização ocidental, moldada a partir do resgate de valores concebidos lá na Antiguidade. O conhecimento e readaptação desses valores só foram possíveis graças à releitura de textos praticamente esquecidos durante todo o período que marca a cultura medieval. Para a difusão desses valores, a Renascença precisou produzir seus próprios textos.

O mundo textual renascentista se desenvolveu sobre estruturas transicionais. Lançando mão das mais modernas tecnologias de então, o fazia influenciado por uma cultura de séculos anteriores. Na tentativa de deixar para trás um desagradável passado recente e levar adiante as virtudes de um passado distante, teve nas ferramentas textuais um importante aliado.

A imprensa, associada aos tipos renascentistas são símbolos funcionais de uma era de transformações que influenciaram o rumo do ocidente. Pretendemos, assim, abordar dois elementos da produção editorial de grande importância na história do livro e, conseqüentemente, na história como um todo. Elementos que surgiram no conjunto das transformações textuais do Renascimento, caracterizando-o e perpetuando seus valores.

O MODO DE PRODUÇÃO: A PASSAGEM DO MANUSCRITO PARA PRENSA

A prensa como conhecemos hoje foi produto de um longo processo histórico e não só do gênio inventivo de Gutenberg. As transformações sociais que tomaram corpo através dos eventos do Renascimento, do Humanismo, da Revolução Científica e da Reforma montaram todo um ambiente de demanda por livros, o qual foi primordial para a busca de uma tecnologia de produção editorial que substituísse o manuscrito.

Mesmo o formato de livro feito à mão foi essencial para a solidificação de elementos que constituiriam padrões nos livros até a atualidade, como ilustrações, a caligrafia com boa legibilidade, as margens, as letras capitulares como marcas de parágrafos, o colofão, entre outros. Muitas destas características foram contribuições de diversos estilos de manuscritos que se desenvolveram, e também da importante reforma Carolíngia, que mesmo com as limitações da época, resgatou inúmeros manuscritos antigos.

A partir daí temos o impulso inicial para o Renascimento, um movimento de resgate dos conhecimentos, da filosofia, de aspectos artísticos e valores da época clássica parcialmente perdidos durante as invasões bárbaras e a Idade Média. O Renascimento provocou o aumento da procura por obras eruditas e a circulação de escritos por toda a Europa.

O surgimento de novas universidades e a crescente alfabetização também foram outros dois processos que garantiram o aumento do público leitor e da demanda por livros que “se torna insaciável. A classe média letrada

emergente e os estudantes nas universidades em rápida expansão haviam capturado do clero o monopólio da faculdade de ler e escrever, criando um novo e vasto mercado para o material de leitura”. (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 91).

A própria Reforma religiosa manifestou-se como força de mudança e apoio para o desenvolvimento da prensa. Os líderes religiosos reformistas, reconhecidamente Lutero, encontraram na impressão de tipos móveis uma forma rápida de publicarem suas teses e idéias reformistas e inflamarem as multidões. Fato que não só aumentou a demanda nas oficinas impressoras, mas também popularizou o impresso, pois este agora iria às ruas, afixado em paredes e portas. “Causas políticas e convicções religiosas eram expostas. Invasões e desastres eram proclamados. As folhas impressas dobradas evoluíram para folhetos, tratados e, mais tarde, jornais” (MEGGS e PURVIS, 2009, p.118-119).

A ascensão da classe burguesa como força econômica pungente forneceu financiamento para a adaptação do setor da produção editorial a esse novo patamar que o aumento da demanda por livros criava. O próprio Gutenberg só pôde concluir suas invenções porque, obteve empréstimos de burgueses das cidades de Mainz e Estrasburgo. Inclusive as cidades de Nuremberg e Veneza, que eram na época centros burgueses de comércio e da economia européia, transformaram-se posteriormente também em centros de produção e inovação na área editorial.

Mas para alcançar a estrutura de produção, que daria conta de toda a demanda gerada pelas mudanças sociais, não bastou apenas investimento burguês desagregado de qualquer outro fator. Foi preciso que grupos de profissionais envolvidos no setor organizassem e se especializassem para termos uma estratificação das funções na produção e regulamentação no comércio, criando exigências e padrões. Nesse momento de transição, podemos afirmar que os *cartolai* assumiram tal função, pois dominaram a produção e venda de livros manuscritos no início do século XV.

Os papeleiros ou cartolai da Itália renascentista [...] abriram as trilhas pelas quais iriam passar os impressores. Fabricavam livros em quantidade e pensando neles de forma especulativa. Anunciavam seus produtos de forma sistemática e lutavam contra a competição com estranhos ao ramo, que agiam sem respeitar quaisquer regras, do mesmo modo que os impressores iriam fazer. Acima de tudo, trabalhavam com seus empregados e clientes para criar o conjunto dos livros que mais mereciam ser lidos e visualizar a forma física que eles deveriam ter (CAVALLO e CHARTIER, 1999, p. 16).

Os possíveis resultados dessa estruturação do setor editorial puderam ser vistos posteriormente em obras como “O sonho de Polifilo”, “obra-prima do design gráfico” que, “alcançou uma elegante harmonia entre tipografia e ilustração que poucas vezes foi igualada” (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 132). Esse livro contém 168 ilustrações xilográficas lineares que, harmonizam com todo o leiaute, inclusive com os tipos de letras usados.

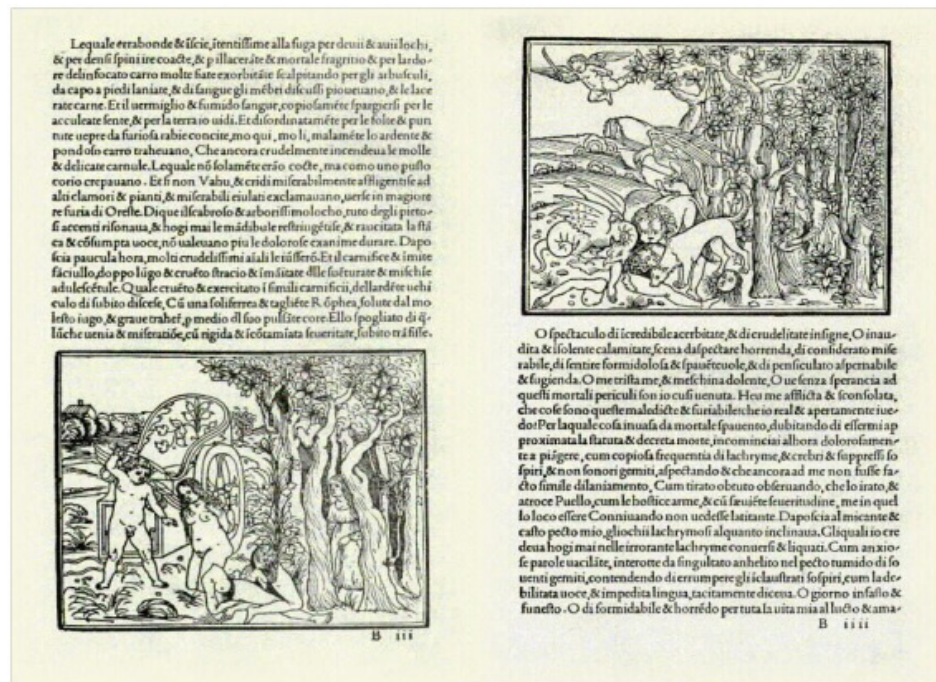


Figura 1

130

Para isso foi necessário uma excepcional integração entre os profissionais da oficina impressora, o designer de tipos, o autor, o artista e o impressor. O manuscrito foi até meados do século XV a forma predominante na produção de livros. A técnica do manuscrito era lenta demais e extremamente dispendiosa, podia custar de quatro a cinco meses de trabalho de um escriba para produzir um livro de somente 200 páginas, sem contar o alto custo com 25 peles de carneiro.

O material usado poderia ser o pergaminho ou o papel velino, e um livro grande chegava a exigir o couro de até trezentas ovelhas. Fato que nos leva a mais um motivo para o sucesso da prensa, que foi a chegada do papel, invenção chinesa de 105 d.C., a qual alcançou a Europa pelas rotas comerciais das cidades italianas e diminuiu o custo e o tempo de produção dos livros.

A partir de 1450, com a invenção da prensa e do molde de tipos, os manuscritos viveram um processo de declínio. Não foram extintos, mas passaram para segundo plano. Contudo, mantiveram uma posição muito importante, pois a primeiro momento, influenciaram na forma como seriam editados e pensados os primeiros livros impressos, os incunábulo, que imitavam propositalmente a aparência dos seus predecessores.

Nos momentos mais recentes da invenção da prensa, houve muita resistência ao impresso e aos impressores por toda a Europa. Os protestos vinham dos escribas, iluminadores e bibliófilos e, até mesmo, de um papa, Júlio II. Os motivos eram diversos. Alguns temiam por seu nicho de mercado e a manutenção de sua profissão, outros pensavam o manuscrito como algo superior à tipografia.

Ainda assim, a impressão prevaleceu e reduziu muito o preço de uma publicação. Consequentemente, supriu a demanda até além do necessário, ao

ponto de surgirem “bolhas de mercado”, como foi o caso de Veneza, onde das cem gráficas montadas, somente dez sustentaram-se até 1490.

A velocidade de produção das prensas tipográficas era tão superior aos dos copistas que

Um homem nascido em 1453, ano em que se deu a queda de Constantinopla, bem que poderia, em seu quinquagésimo aniversário, olhar para trás e contemplar uma vida durante a qual haviam sido impressos cerca de 8 milhões de livros, mais talvez do que todos os escribas da Europa haviam produzido desde que Constantino fundara sua cidade, no ano 330 d.C. (EISENSTEIN, 1983, p. 29).

Estabelecida, a prensa acarretou em mudanças no mundo textual e no mundo social renascentista. A educação inicia sua caminhada para transformar-se em uma atividade muito mais individual do que comunitária. A maior acessibilidade aos livros e a ideologia renascentista, refletida no conceito do “homem renascentista”, estimulavam a busca pelo conhecimento, que não mais dependia estritamente do sistema de leitura oral e comunitário, centrado em um indivíduo que interpretava e passava a informação para os outros.

131

A invenção da prensa tipográfica pode ser considerada como o primeiro passo em direção à Revolução Industrial, no sentido de ter sido a “primeira mecanização de uma habilidade manual qualificada” (MEGGS e PURVIS, 2009, p. 106). Aparecendo talvez, ao lado de invenções importantes como o tear mecânico, que inventado três séculos depois, diferencia-se por não depender de força manual.

O movimento da Revolução Científica obteve contribuições essenciais do advento da impressão. Esta fomentou a publicação de produções científicas e, portanto, as trocas e o diálogo entre os pensadores e cientistas. Ela também contribuiu para o ordenamento sequencial e repetível de informações, o pensamento linear, a lógica e a compartimentalização de informações, que viriam fundamentar o campo da investigação científica empírica.

No nível das mudanças sociais constatamos um enorme avanço. É imensurável a contribuição do impresso para o êxito da Reforma, da contra Reforma, do desenvolvimento do comércio e das nações modernas por meio da divulgação de seus símbolos nacionais e unificação dos dialetos em línguas, como o francês, o inglês e o alemão.

Esse pequeno apanhado da inserção da prensa como ferramenta de produção editorial nos indica o quão esta é importante para o entendimento do mundo textual renascentista, da história do livro e mesmo, dos meios de comunicação como um todo, apontando o porquê este foi um período tão estudado por pesquisadores de renome, dentre eles Elizabeth Eisenstein, Adrian Johns e Roger Chartier.

Mas o surgimento da prensa não foi o único desdobramento de relevância na perspectiva do Renascimento, no que diz respeito às mudanças no universo dos livros. Outros fatores corroboraram com a invenção de Gutenberg para a construção do mundo textual renascentista. A invenção dos tipos de letras romano e itálico, desenvolvidos nesta mesma época do surgimento da prensa, foi um desses fatores, que discutiremos a seguir.

A CONTRIBUIÇÃO DOS TIPOS ROMANOS E ITÁLICOS PARA O MUNDO TEXTUAL RENASCENTISTA

Ao lado da importância indiscutível da prensa para o mundo textual do Renascimento, outro aspecto que merece destaque, na verdade subsequente à tipografia, é o desenvolvimento de dois grandes estilos tipográficos, o romano e o itálico, que, junto com outros fatores, harmonizaram os elementos de identidade renascentista e contribuíram para a formatação de um modelo textual que influenciaria todos os posteriores.

Durante o período incunabular, que vai da invenção de Gutenberg até o fim do século XV, os alemães criaram um padrão nacional de texto construído com tipos de estilo gótico, apresentando um aspecto condensado e angular, o que dificultava sua legibilidade e deixava-o muito parecido com o manuscrito. Esses primeiros impressores divulgaram o seu trabalho por toda a Europa. Trabalhando em Subiaco e, depois, em Roma, Conrad Sweynheym e Arnold Pannartz projetaram os primeiros tipos de estilo romano, baseados em letras compostas por escribas italianos. Esses, por sua vez, as tinham desenvolvido a partir de minúsculas carolíngias do século IX, encontradas em cópias de clássicos romanos que eles pensavam estar escritos em letras romanas da época do Império. Ao mesmo tempo, acreditaram que esta fazia oposição à escrita negra medieval, a escrita dos bárbaros.



Figura 2

Enganaram-se, mas a partir daí desenvolveram de forma importante a tipografia.

bat ille ihesus: q̄ quom̄ pm̄ū aufes uocarēt moises figurā
ihesum uocari: ut dux militū delectus esset aduersus am
nabant filios israhel: et aduersariū debellaret p̄ noīs figu
esse sensum semitas queritur. canq̄ illi ad cogita
quadrigis opus eēt. Democritus quasi in puteo q̄
ut fundus sit nullus: ueritatem iacere demersam

Figura 3

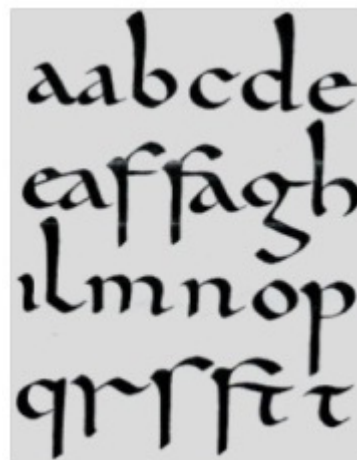
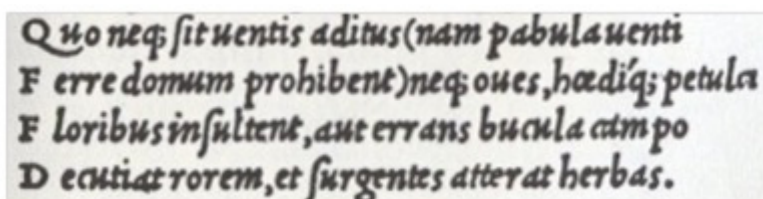


Figura 4

Outro alemão, Johannes de Spira, recebe um monopólio de cinco anos para imprimir em Veneza. Ali, também estabelece inovadores tipos do estilo, com letras arredondadas que conferiam uma unidade orgânica à escrita. Depois dele, nomes como Nicolas Jenson, Griffo, Geoffroy Tory e Claude Garamond marcaram a tipografia renascentista com contribuições significativas. Jenson mostrou grande habilidade para alinhar os caracteres nas fontes, Griffo desenvolveu os primeiros tipos itálicos, Tory desenvolveu uma romana leve com longas ascendentes e descendentes, e Garamond rompeu com a influência da caligrafia. A concepção desses novos estilos tipográficos resultou em uma maior elegância, leveza, clareza e legibilidade.

qui omnibus ui aquarum submersis cum filiis suis simul ac nubibus
mirabili quodā modo quasi semen huāni generis conseruatus est: quē
utinā quasi uiuam quandam imaginem imitari nobis contingat: & hi
quidem ante diluuium fuerunt: post diluuium autem alii quorū unus
altissimi dei sacerdos iustitiae ac pietatis miraculo rex iustus lingua he
braeorū appellatus est: apud quos nec circumcisionis nec mosaicae legis
ulla mentio erat. Quare nec iudaeos (posteris enī hoc nomen fuit) neq̄

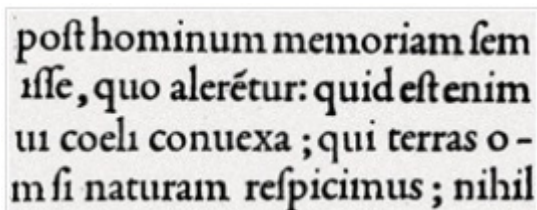
Figura 5



Quo neq; sit uentis aditus (nam pabula uenti
F erre domum prohibent) neq; oues, hædiq; petula
F loribus insultent, aut errans bucula cum po
D ecutiat rorem, et surgentes atterat herbas.

Figura 6

Um importante erudito dessa época, Aldo Manuzio merece destaque pelo papel desempenhado na publicação de grandes obras do mundo greco-romano. A frente da Imprensa Aldina, incentivou o desenvolvimento de tipos menores – foi trabalhando para ele que Griffo criou os itálicos -, mais informais e até mesmo mais bonitos, que se baseavam em estudos aprofundados das antigas inscrições romanas.



post hominum memoriam sem
isse, quo aleretur: quid est enim
ui coeli conuexa; qui terras o-
mni si naturam respicimus; nihil

Figura 7

O termo Renascimento, que, a princípio, denotava o período de restauração e releitura da literatura da Antiguidade Clássica, hoje marca também a passagem da Idade Média para a Idade Moderna – essa passagem é determinada por uma série de outros fatores; para fins didáticos, historiadores indicam a data da queda do Império Bizantino como marco (1453). Esse período de transição é caracterizado por uma efervescência cultural e, sobretudo, por uma nova maneira de ver o mundo, um novo comportamento diante da realidade, por uma sociedade que resgata valores da antiguidade para inseri-los em um novo contexto histórico.

Os tipos se comportaram, na verdade, como transmissores de valores do renascimento. Seu formato, suas combinações, sua disposição na página, tudo isso contribuía para a consolidação de um estilo que buscava romper com a cultura medieval. Em primeiro lugar, podemos destacar, entre esses valores, o hedonismo: o prazer da beleza se apresenta em todas as letras renascentistas. Estas eram desenhadas cuidadosamente, de forma a encantar os olhos de quem as observava. Depois, o experimentalismo, observado na própria variedade de formas do mesmo estilo romano. Eram testadas tantas possibilidades quanto fosse possível, pois só assim seriam alcançadas as formas perfeitas. Já a harmonia entre as letras é estabelecida de acordo com a harmonia existente entre os elementos da natureza. A importância da dimensão natural no Renascimento é aqui exaltada por essa harmonia gráfica.

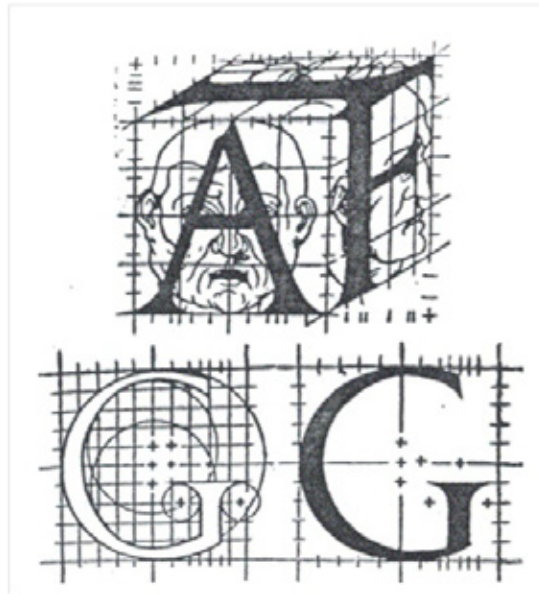


Figura 8



Figura 9

Na obra mais importante de Tory, o *Champ Fleury*, a construção geométrica, passo-a-passo, das letras do alfabeto latino mostra o caráter racionalista do seu trabalho, onde há uma ordem lógica a ser seguida. Além disso, ao comparar as proporções das letras às proporções humanas ideais, ele traz para

a comunicação, para o design mais especificamente, o peso exato da filosofia humanista em voga.

Assim como o impressor compreendia bem o espírito renascentista, o designer de tipos também o fazia. Os valores do renascimento eram compartilhados pelos dois, imprensa e letra, modo de produção e elemento de identidade caminhavam coesos, o que nem sempre acontece em uma sociedade em transformação. Talvez o fato de ambos serem forças inovadoras, dentro desse contexto, tenha possibilitado esse rumo. Se imaginarmos o tipo gótico em meio a toda experiência renascentista, o seu caráter conservador certamente destoaria do conjunto de características dessa sociedade. Quanto a isso, o historiador americano Anthony Grafton afirma que, “desde o primeiro momento, os humanistas viram a escrita gótica como o sinal externo e visível da ignorância gótica: feia, estúpida e impenetrável” (CAVALLO e CHARTIER, 1999, p. 10).

136

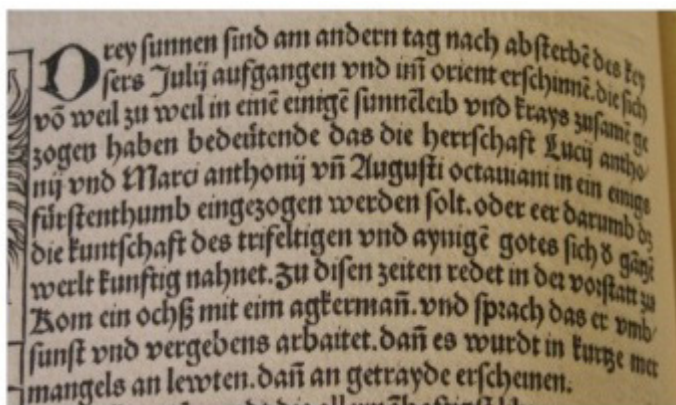


Figura 10

Tão perfeita foi a sintonia entre os tipos romanos e itálicos e o Renascimento, uma vez que, foram moldados pelos valores desse movimento, que suas inovações, assim como os ideais renascentistas, deixaram um legado imprescindível para toda a cultura ocidental que se desenvolveu a partir daí.

CONCLUSÃO

Diversos são os aspectos que caracterizam o mundo do texto renascentista. Entre eles estão o modo de produção tipográfica, temática abordada, as ilustrações peculiares, a diagramação, o design e o tipo de letra utilizado, intimamente ligado ao próprio Renascimento.

Seria um juízo de valor tentar apontar qual desses elementos é mais representativo, mas a idéia aqui é mostrar que dentre eles a imprensa e os estilos tipográficos foram alguns dos alicerces da cultura escrita da Renascença. Mesmo sendo um dos maiores inventos da história da humanidade, a prensa precisou associar-se a outros fatores, entre os quais os tipos romanos e itálicos, para levar a cabo a identidade desse período.

O surgimento da tipografia está atrelado a uma série de questões, anteriores e posteriores. Suas consequências transcendem o nível técnico para influenciar outros desdobramentos. O caso das letras renascentistas é o mesmo, não havendo razão então para considerarmos apenas o papel da prensa no mundo textual do Renascimento. Embora nossa tendência seja sempre a de resumir os aspectos de determinados contextos históricos a um ou outro fator, a nossa compreensão dos fatos depende do conhecimento de como outros fatores, menos estudados, se relacionam nas dinâmicas de cada período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (Org.) História da leitura no mundo ocidental 2. São Paulo: Ática, 1999.

CHARTIER, R. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.

CHARTIER, R. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: UNESP, 2003.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.). História da leitura no mundo ocidental 1. São Paulo: Ática, 1998.

EISENSTEIN, Elizabeth. A Revolução da Cultura Impressa: os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

MEGGS, P.B; PURVIS, A.W. História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

IMAGENS

1 Figura 1: <http://mitpress.mit.edu/e-books/HP/hyp000.htm>. - Acesso em: 15 de Julho de 2010.

2 Figura 2: <http://www.heraldica-genealogia-facsimiles.es/uploads/facsimiles-liber-chronicarum.jpg>. - Acesso em: 16 de Julho de 2010.

3 Figura 3: http://farm2.static.flickr.com/1268/543923471_1d8b4ccae2.jpg?v=0. - Acesso em: 15 de Julho de 2010.

4 Figura 4: http://personal.us.es/tallafigo/carolina_archivos/image014.jpg - Acesso em: 16 de Julho de 2010.

5 Figura 5: <http://latypeblog.blogspot.com/2007/02/intro-jenson-griffo-arrighi.html>. Acesso em: 16 de Julho de 2010.

6 Figura 6: <http://latypeblog.blogspot.com/2007/02/intro-jenson-griffo-arrighi.html>. Acesso em: 16 de Julho de 2010.

7 Figura 7: <http://www.crestock.com/blog/icon-of-the-week/the-bembo-type-face-39.aspx> - Acesso em: 15 de Julho de 2010.

8 Figura 8: http://www.imageandart.com/tutoriales/historia_diseno_siglos_primera_parte/imagenes/02.if - Acesso em: 16 de Julho de 2010.

9 Figura 9: <http://www.poltroonpress.com/grabhorn.html>. - Acesso em: 15 de Julho de 2010.

10 Figura 10: http://multicms.rdts.de/cgi/bin?_SID=xxx&_bereich=artikel&_aktion=detail&idartikel=113645&_sprache=paraselene_englisch. - Acesso em: 15 de Julho de 2010.